

"Eles vão fazer comigo o que eu fiz com meus pais"

Heleno, mineiro da fala mansa, tem 43 anos e em 72 migrou para São Paulo onde se tornou mão-de-obra especializada. Em 92, após 18 anos "de casa" numa empresa metalúrgica, retornou para sua terra. Por ocasião da última Semana Santa, ele se encontrava em São Paulo em busca de um novo emprego, foi quando falou à Travessia do arrependimento pela decisão tomada.

Entrevista com **Helena**
Por **Dirceu Cutti**

Travessia: Aqui na Vila todo mundo só conhece você por Heleno, qual o seu nome completo?

Heleno: Meu nome é Joaquim Heleno Costa.

Travessia: Sua idade?

Heleno: Tenho 43 anos.

Travessia: Onde você e seus pais nasceram?

Heleno: Eu sou nascido em Ponte Nova, Estado de Minas Gerais. Meu pai nasceu em Ponte Nova e minha mãe também. Somos todos mineiros de lá mesmo, inclusive meus avós nasceram e se criaram em Ponte Nova.

Travessia: O que foi que o levou a deixar Ponte Nova e vir pra São Paulo?

Heleno: O que me levou pra São Paulo foram as condições de vida de lá que eram muito difíceis. E como São Paulo é o centro que puxa o pessoal do interior, eu também vim pra São Paulo pra ter uma vida melhor.

Travessia: Quantos irmãos são na família?

Heleno: Nós somos em cinco irmãos.

Travessia: Além de você, quem mais deixou Ponte Nova?

Heleno: Só eu, até hoje sou o único que saiu da família.

Travessia: Em que ano veio para cá?

Heleno: Em 1972.

Travessia: Fale um pouco de quando chegou em São Paulo, do trabalho...

Heleno: Chegando em São Paulo, de imediato já fui trabalhando. Morava no Jardim Prudência e lá mesmo comecei a trabalhar como ajudante geral, mas trabalhei um dia só nesse primeiro emprego. Trabalhei um dia na firma e o serviço não era aquele que eu pensava. Saí e já entrei numa outra firma, nas proximidades mesmo e trabalhei oito meses. Depois de oito meses saí dessa firma e fui trabalhar numa limpadora, serviço de faxina, e era no Palácio dos Bandeirantes, Palácio do Governo. Também não vi resultado. Aí, em 74, entrei numa indústria, na Brassinter, onde trabalhei até 92. Nessa firma fiz o curso do Senai, me tornei profissional, torneiro, ajustador mecânico e formei como ferramenteiro especializado. Uma ótima profissão! Um ótimo salário! Uma firma boa e estava bem. Se hoje eu estivesse na firma eu estaria ganhando uns dezenove salários mínimos. Então, esse é o arrependimento que eu tenho, de ter saído dessa firma. Eu pedi pra sair depois de

dezoito anos. Tudo o que eu tenho foi construído nessa firma. Por isso tenho o arrependimento de ter saído por justa causa, porque fui eu que pedi pra sair dessa firma.

Travessia: Por que pediu pra sair?

Heleno: Eu pedi pra sair pra experimentar o interior, a liberdade! Porque eu queria liberdade. Eu estava no sufoco do dia-a-dia de São Paulo. Então, eu fiz isso pra ter liberdade mesmo. Infelizmente me enganei, não era isso. A liberdade não é tudo, porque pra você ter liberdade você tem que ter condições financeiras e lá onde eu estou, você não tem condições de sobreviver. Em Ponte Nova não tem! Porque o maior salário de Ponte Nova é o salário mínimo. Quando você encontra emprego, é o salário mínimo e não tem emprego, infelizmente não tem emprego. E até hoje eu estou vivendo daquilo que eu adquiri na firma em que trabalhei. Não dispus de nenhum bem que eu tenho mas, infelizmente, tá chegando o momento que vou ter que retornar novamente pra São Paulo, porque não tem condições de viver no interior. Os governantes não te dão chances. Lá sou pequeno agricultor e nesse pequeno espaço que eu tenho não é suficiente pra mim criar minha família.

Travessia: Lá você mora no sítio?

Heleno: Eu moro na cidade, moro na cidade e toco o sítio de três alqueires. O que nós produzimos lá é milho e feijão, braçal, lá é tudo braçal. E as condições não ajudam porque quando você colhe não tem valor, quando você vai plantar é caro. Você gasta pra plantar e dificulta a gente trabalhar dessa maneira. E os filhos estão na fase de estudo, estão na escola.

Travessia: Quantos filhos você tem?

Heleno: Eu tenho três filhos e mais uma sobrinha que eu crio, e as condições pra estudar hoje estão muito difíceis, porque do jeito que eles vêm impondo, você não tem condições. Se você não tiver uma fonte pra sustentar os seus gastos, você não consegue manter seus filhos na escola, apesar que hoje estão dificultando pra você não estudar seus filhos mesmo. Mas não é isso que eu quero. Eu não quero que meus filhos passem o que eu passei e estou passando.

Travessia: Até que série você conseguiu estudar?

Heleno: O primário, primário só. E os meus filhos estão avançados já, a minha filha com quatorze anos já tá fazendo o segundo grau, coisa que eu não fiz ela já tá fazendo. E vai fazer mais ainda, pra que se torne alguma coisa. Mas lá eu não tenho condições pra sustentar isso,

infelizmente eu não tenho condições pra sustentar. Não digo que aqui em São Paulo eu vou ter, mas pelo menos fonte pra ganhar um pouquinho mais pra sustentar a eles eu acho que vai ser suficiente.

Travessia: *Aqui em São Paulo, você tem casa própria?*

Heleno: Tenho, tenho minha casa, aqui no Jardim Almeida Prado, Santo Amaro.

Travessia: *Em que ano retornou pra Ponte Nova?*

Heleno: Em 92.

Travessia: *Agora está decidido a voltar pra São Paulo?*

Heleno: Estou tentando.

Travessia: *Fazem três anos que retornou pra Ponte Nova; quando foi que você sentiu que iria ter que sair novamente?*

Heleno: Vai completar agora três anos que voltei pra lá. E comecei a pensar em voltar desde que você começa a perceber que o que você levou está acabando, entendeu?! Aí começa a apertar, você começa a ver que o padrão de vida mudou muito. E o primeiro ponto é a família, os filhos. Eles estão acostumados com um padrão de vida, não um padrão elevado, mas razoável, e de repente você ter que mudar! Por mim, tudo bem, mas os meus filhos não foram criados dessa maneira. Então, eu tenho que dar um conforto maior pra eles. E lá, eu não vejo um ponto positivo pra isso, porque lá, quem está estabilizado, está estabilizado. E eu não estou estabilizado, simplesmente eu tive uma ilusão e agora chegou a hora, eu percebi, de procurar alguma coisa a fazer.

Travessia: *Hoje, Sexta-Feira Santa, você está aqui em São Paulo e veio sozinho...*

Heleno: É, vim sozinho, deixei a família lá porque vim procurar emprego.

Travessia: *Há quantos dias está aqui?*

Heleno: Cinco dias.

Travessia: *Como está sentindo a praça, acha que vai ser fácil encontrar emprego?*

Heleno: Acho que vai ser difícil, por causa do sistema que tão usando. Hoje em dia, as empresas, as boas empresas, elas não estão contratando, elas estão pegando contratados. Elas não estão admitindo funcionários, mas contratados, então se torna mais difícil. Porque se você tivesse condições de entrar com um salário razoável..., mas não, você vai entrar com salário bem baixo, e isso aí dificulta pra gente também, do meu ponto de vista. E outra coisa, também, que eu vou ter dificuldade, é porque são três anos que eu estou sem atividade, entende?! Então eu acho que na hora que eu for procurar vai ter alguma burocracia. Mas é tentar superar e ver o que vai dar.

Travessia: *Heleno, voltando um pouco na sua história, como foi o seu retorno pra Ponte Nova?*

Heleno: É o seguinte, eu vou começar por onde você vai entender melhor. Todo ano eu ia passar férias em Ponte Nova. Então eu chegava e via aquele movimento e pensava: Puxa vida, como que o povo vive tão bem aqui e eu com tanta dificuldade lá em São Paulo! Aqui é ótimo!... E foi a minha ilusão. De repente eu fui - é ótimo, eu não posso reclamar, as amizades são ótimas, aquele pessoal novo... -, mas se você analisar bem você vê que é um pessoal que tá sem futuro. Não tem nada que incentiva os jovens de vinte anos, vinte e cinco anos, que precisam fazer alguma coisa na vida, aproveitar o tempo deles, porque quando chegar a idade, aí não tem mais tempo mesmo, e estão sem objetivo, porque não tem nada que a cidade oferece, a cidade não oferece condições pra você sobreviver, pelo menos condições para você viver uma vida melhor. Mas não, lá só faz você regredir. O meio da política faz com que as pessoas fiquem sem motivação nenhuma. As promessas, porque quando chega a época de eleição, lá é a mesma coisa daqui, o pessoal chega prometendo isso e aquilo, enfim, você é iludido e você não vê resultado. Criar empregos?... O pessoal promete muito, mas na hora do pega pra valer,

ilusão! Mas, o que fez eu voltar foi que eu ia, passava um mês, e era maravilhoso. Mas agora que voltei lá, convivendo o dia-a-dia, eu estou vendo as dificuldades que estou tendo.

Travessia: *A que distância de Belo Horizonte fica Ponte Nova?*

Heleno: Mais ou menos uns cento e setenta quilômetros.

Travessia: *O que movimenta o comércio de Ponte Nova?*

Heleno: Lá o forte é o comércio atacadista. Vem muita mercadoria, muitos produtos daqui de São Paulo e de outros lugares; são desembarcados lá e depois são levados para outras cidades e para outros Estados mesmo. Às vezes vai mercadoria de São Paulo pra Ponte Nova e retorna pra São Paulo mesmo, não dá pra entender. Mas é um tipo de jogada que eles fazem, mas o forte lá é atacadistas. Lá mesmo só tem uma fábrica de papel.

Travessia: *E a agricultura, tem gado, fazendas?*

Heleno: A agricultura é fraca, fraca. Tem poucas fazendas. Mais é pequenos sítiantes que plantam pro próprio consumo. Então é muito fraco. E a fonte de emprego lá é só a Prefeitura, infelizmente é só a Prefeitura, onde eu falo pra você que o salário é o mínimo.

Travessia: *Você está percebendo que tem gente saindo de lá?*

Heleno: A migração lá tá parada, e tá parada porque o pessoal está sem condições de sair. Porque, uma pessoa que tem família, como vai sair de Ponte Nova e vir pra São Paulo sem saber pra onde vai? Ninguém tem recursos pra sair e ninguém pode oferecer esses recursos pra sair. Lá, como eu conheço, um funcionário, faltando um ano, um ano e meio pra aposentar ele é mandado embora sem direito, sem receber nada. Eu estranho isso, na Prefeitura! Ele é mandado embora, sem nada, e onde ele vai trabalhar? Não tem onde ganhar e como vai sobreviver? Então, eu não quero esperar que aconteça isso comigo. Senão vou ter que dispor dos bens que eu tenho pra sustentar minha família.

Travessia: *Você tem informações de ex-colegas de trabalho seus que também voltaram pra terra deles? E lá em Ponte Nova conhece outras pessoas que também voltaram?*

Heleno: Não, não conheço.

Travessia: *E da época em que você saiu de Ponte Nova, você estava com 20 anos na ocasião, saiu muita gente?*

Heleno: Aquele pessoal com quem a gente estudou junto, a maioria está aqui e não fizeram a burrice que eu fiz.

Travessia: *Quando você estava aqui, teve necessidade de enviar recursos para a sua família?*

Heleno: Sim, tive. A casa de meu pai fui eu que fiz, comprei um pequeno pedaço de terra pra ele, um sítio, pequeno, fui eu que comprei. Quando eu saí da firma e voltei, eu já tinha também o meu sítio lá, e foi o que me iludiu mais pra voltar pro campo. Eu me arrependo, porque agora eu não estou sozinho, eu tenho uma família. A economia que eu fiz, já são três anos, então eu já estou fazendo milagres. Eu não tenho trabalho, fonte de renda. Eu não posso dizer: eu trabalhei e ganhei, não! Eu estou sobrevivendo do aluguel que deixei aqui e da reservinha que eu levei, mas não é fácil.

Travessia: *Quando tomou a decisão de voltar pra terrinha, como sua família reagiu?*

Heleno: A minha esposa reagiu bem porque os seus pais são de lá também. Mas os filhos não concordaram, não queriam ir pra lá de jeito nenhum. Mas agora já acostumaram. Tem dois que já acostumaram, mas tem um que quer vir pra São Paulo, o mais velho, porque tá chegando a hora de trabalhar e não tem campo de trabalho pra ele. E é o que me dificulta mais porque eu sei que quando chegar nos vinte anos eles vão fazer o que eu fiz com meus pais. Eles já falam: pai, olha, nós só vamos vir aqui no fim do ano, pra ver você e a mãe. Então, entende, eles já colocam a gente num xeque mate. E não é fácil, não é fácil!